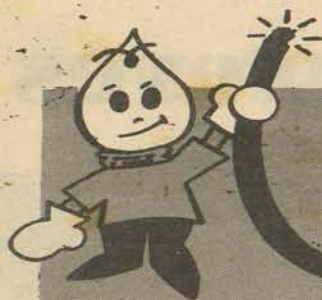




SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

26/09/91 N° 151

Diretor Administrativo se reúne com a Intersindical

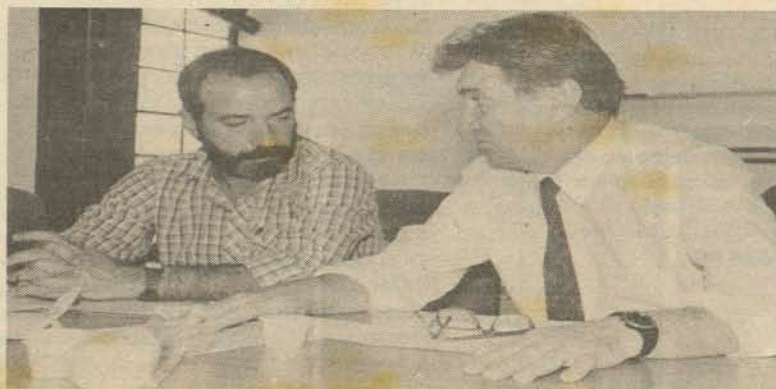
Na segunda-feira, dia 23 de setembro, o diretor administrativo da Eletrosul, Hilário Pazin, visitou o Sinergia. A Intersindical que estava reunida em Florianópolis havia contatado com ele para marcar uma reunião. Como ela estava reunida no Sinergia o DA achou melhor que a reunião acontecesse no Sindicato. A Intersindical falou dos problemas e das expectativas dos trabalhadores da empresa.

O relato da Intersindical iniciou pela necessidade de se iniciar o quanto antes as negociações da campanha salarial deste ano, para que em 1º de novembro tudo já esteja acertado. Colocou ainda a necessidade da presença do diretor administrativo nas negociações, para que elas aconteçam mais facilmente e, foi dado como exemplo, o acordo assinado com a Celesc. O DA ficou de marcar uma reunião o mais rápido possível para deflagrar o processo.

"Quando há disposição de negociar não há radicalização. Com a Celesc houve esta disposição. Nossa postura histórica é de procurar acordo", lembrou o presidente do Sinergia, Mauro Passos. Pazin concordou: "quando há boa vontade deve haver reciprocidade. O conceito do sindicato de vocês é muito bom, na competência. Sabemos que são pessoas bem preparadas, inteligentes e que apresentam propostas consistentes".

O surgimento de várias pautas de reivindicações dos mais diferentes sindicatos, na Eletrosul, também foi discutido. A atitude promovida por pessoas que apostam no divisionismo é a repetição do que aconteceu na Celesc. Lá conforme foi lembrado a Pazin, depois de assinado o acordo com os eletricitários a empresa chamou os outros sindicatos e só concordou com as cláusulas que eram extensivas a todos empregados e constassem do acordo com os eletricitários.

A dificuldade de relacionamento com a atual direção da Eletrosul e o sucateamento da empresa foram dois assuntos também debatidos, além do descumprimento de acordos, da punições da última greve, do aumento do passivo trabalhista da empresa, da questão da



disponibilidade. No final do relato, Mauro Passos fez questão de salientar que, não existe nada de pessoal na posição da Intersindical em relação a atual gestão da Eletrosul.

O DA centrou toda sua conversa num eixo: promover o entendimento entre empregados e direção da empresa. Disse que no pouco tempo que teve observou enormes contradições nos argumentos apresentados pelos dois lados, em termos de números. "A minha vontade é retomar o diálogo. Evidente que não posso fazer logo de saída. Sou um estranho no ninho. Venho de outro partido. Mas vamos mostrar que sem diálogo Collor foi para o brejo. Hoje está lá, humilde, conversando com todo mundo. O meu partido - o PDT - defende o funcionalismo e a classe trabalhadora. Mas temos bastante trabalho até romper a malha que está aí. Vou contar para a diretoria que vim aqui como amigo dos sindicatos e que temos que começar a nos entender. Vai ser comigo, por meu intermédio que vamos começar a dialogar. Gostaria de ver um dia uma foto dos dois presidentes - do sindicato e da Eletrosul - sentados conversando."

Pazin explicou sua forma de trabalho: "gosto de ouvir os dois lados. Quero que a gente faça uma negociação que nem fizeram com a Celesc. Certamente haveremos de nos entender. Pelo que

fiquei sabendo os parâmetros e índices ficarão por conta da Eletrobrás. Além disso parece que a empresa também tem uma pauta de reivindicações. Não tenho intenção de me desentender com a diretoria da empresa. Fui indicado por um governo que não é o mesmo dos outros e quero puxá-los para o meu lado. Acho que vamos conseguir um acordo e tem que ficar claro uma coisa: um diretor não pode deixar de negociar por problemas pessoais. Ele representa uma empresa e não sua pessoa".

Ao final do encontro o DA afirmou ao Linha Viva que a garantia de emprego é "válida. A situação do país é muito difícil. Por isto a garantia é quase uma necessidade para a sobrevivência do empregado. Acho até melhor que muitos ganhem menos do que uns poucos ganhando mais. É a tal distribuição equitativa dos salários. Se a Nação estivesse em crescimento não teria sentido garantia de emprego, mas na atual fase entendo que deva existir".

Além da abertura imediata de negociações, por causa da campanha, Pazin tem como planos imediatos conhecer pessoalmente toda empresa nas suas diversas regiões e reiniciar as obras de Jacuf. A médio prazo quer colocar em dia as indenizações e acertar o reassentamento de Itá.

CELESC

Empresa provoca impasse. Acordo não foi assinado

Ficou marcada para esta terça-feira, dia 24 de setembro, a assinatura do acordo coletivo de trabalho para os funcionários da Celesc. Na semana anterior a contra-proposta da empresa foi apresentada à categoria e aprovada em assembléia.

Na terça-feira durante a reunião com a Intersindical para a assinatura surgiu um impasse: a direção da Celesc quis fazer revisões em cláusulas econômicas. A discussão perdurou até a meia-noite de terça-feira. Durante todo tempo foram feitos contatos com o Secretário da Fazenda, Fernando Marcondes de Mattos e com o governador Vilson Kleinubing.

O impasse continuou na quarta-feira e até o momento do fechamento do jornal a reunião para discutir o problema entre a direção da Celesc e a Intersindical não havia sido concluída.

Assim que se tenha alguma definição sobre a questão a categoria será informada pela Intersindical.

Ontem às 20 horas a reunião entre a Intersindical e os representantes das Celesc ainda continuava e não tinha nenhuma evolução visível.

ELEIÇÕES NA CELOS: A Intersindical tem candidatos.

DIVISIONISMO

Legitimidade dos majoritários

A Intersindical sempre tem dito que os trabalhadores das empresas de produção, transmissão e distribuição de energia elétrica são eletricitários, independente de sua formação profissional. As discussões a respeito disso tem proliferado ultimamente e se encaminham para um amadurecimento de posições.

Todo mundo está começando a entender que cada um tem suas questões específicas defendidas no conjunto. Por isto os interesses de quem trabalha nestas empresas são representados pelos sindicatos majoritários, seus legítimos representantes. Um sindicato de categoria diferenciada só tem sentido naquelas empresas cuja mão de obra é formada unicamente, por exemplo, por secretárias, ou só de engenheiros, ou apenas contabilistas. Este não é o caso nem da Eletrosul e nem da Celesc.

Dando prova de maturidade a respeito do assunto as assembleias convocadas pelos economistas, contabilistas, engenheiros e técnicos industriais decidiram que a pauta que representa todos eles é a pauta da Intersindical, decidiram, também, que quem negociará por eles é a Intersindical. Esta pauta é aquela que foi definida em assembleias dos eletricitários..

Quanto à taxa confederativa a assembleia dos engenheiros decidiu que quem é só associado do sindicato dos engenheiros desconta só para este sindicato; quem é associado ao sindicato dos engenheiros e de outro sindicato terá que optar pelo desconto para um deles; quem é engenheiro não é associado ao sindicato dos engenheiros mas é associado a outro sindicato desconta para outro sindicato; quem é engenheiro e não é associado de nenhum sindicato desconta para o fundo do sindicato majoritário.

JORNALISTAS

"Santa" não respeita acordo

Os jornalistas do Jornal de Santa Catarina mais uma vez foram atingidos pela política patronal. No final do mês de agosto, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina fechou acordo coletivo, de 9,14%, que não foi cumprido pelo SANTA. Depois de várias tentativas de negociação, como era de se esperar, o jornal nada ofereceu. Tentando reverter a posição, alguns repórteres fizeram uma manifestação no dia 20 de setembro, em frente ao Tabajara Tênis Clube, em Blumenau, no jantar de comemoração dos 20 anos do SANTA.

Na oportunidade, os jornalistas entregaram aos convidados uma carta informando o valor do salário profissional. Aliás, você sabe quanto vale um jornalista do JSC? Menos de 15 centímetros de um único anúncio no mês. Na manifestação, os funcionários mostraram para a elite empresarial e política do Estado, que não

tinham motivo para comemorar o piso salarial de 110 mil cruzeiros.

Antes mesmo da manifestação, o jornal tentou pressionar os funcionários da matriz, em Blumenau, para que não aderissem ao movimento. Não conseguiram. Perto de 15 jornalistas de Florianópolis e Blumenau deram o recado na festa. "Não há o que comemorar". Mas na segunda-feira, o JSC não resistiu à sua tradição, e enviou à todos os jornalistas que participaram do protesto, uma carta de advertência prometendo descontar o descanso semanal remunerado, sem justificativa nenhuma. Os jornalistas prometeram manter a luta e brigar não só pelo salário, como pelo não desconto. Em outubro, tem campanha salarial e emergência, encabeçada pela Fenaj-Federação Nacional dos Jornalistas - e que será encampada pelos jornalistas do SANTA, com certeza.

POLÍTICA SALARIAL

Só as greves seguraram o arrocho

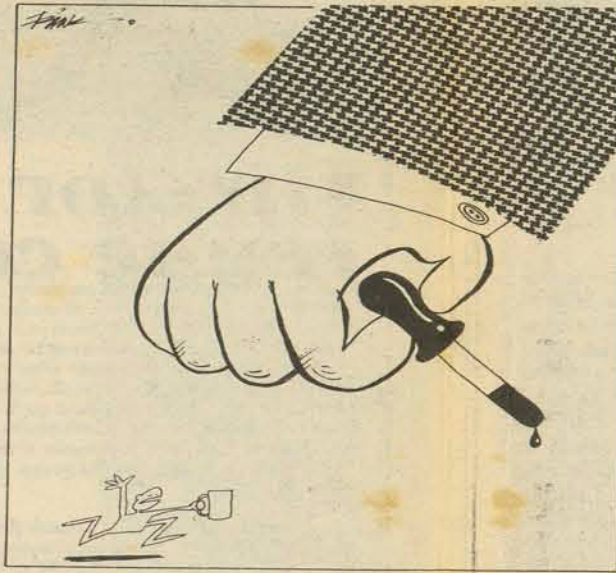
Nos últimos dois meses o Brasil vive sem uma política salarial. Tudo que os trabalhadores estão conseguindo é com mobilização e pressão. Neste momento caótico irrompem greves como dos bancários, petroleiros e servidores estaduais. "O quadro não é bom. O reajuste mensal não teve continuidade nos últimos dois meses. Agora o importante é romper os limites da legislação para fazer com que os salários sejam repostos de acordo com algum parâmetro inflacionário. Esta é a condição mínima para que se mantenha o poder de compra dos salários, que todos sabemos já está bastante deteriorado", aconselha o economista do DIEESE, Clovis Scherer.

Um dos passos a ser dado é derrubar os vetos de Collor para a política salarial aprovada pelo Congresso. A lei não atende as reivindicações dos trabalhadores, mas a queda dos vetos é importante para aprofundar o isolamento do gover-

no. Com seus vetos Collor quis eliminar, por exemplo, o reajuste automático na data-base com reposição total das perdas. Também não aceitou o reajuste mensal do salário mínimo a partir de janeiro de 92 e negou o reajuste de todos os salários no patamar de três a sete salários mínimos com gatilho

trimestral e reposição semestral.

A última lei apresentada por Collor, há duas semanas, -(categorias com data-base em setembro, janeiro e maio terão, em setembro, uma antecipação de 16% na faixa salarial de zero a três salários mínimos) - é extremamente limitada e a posição dos



Tribunais Regionais do Trabalho nas questões de reposição tem piorado ainda mais as coisas. Mas existe, no entender de Scherer, um princípio que é muito importante. "É a pré-fixação da inflação, pedida pelo movimento sindical no final do governo Sarney, pois reajustar com índices de inflação passados não contempla as altas taxas de inflação." O acordo assinado pelos bancários de instituições privadas e o acordo da Celesc contém um avanço, segundo o economista, que foi a recomposição das perdas desde a data-base anterior. "Numa época de ausência de critérios para reajuste ou de utilização de cálculos de médias, isto foi um avanço mas que ninguém se iluda, isto é apenas um passo para a recuperação de um patrimônio histórico dos trabalhadores, que é ter na sua data-base o reajuste total das perdas, abolido no ano de 90".



Nogert Wiest não consegue explicar

O "homem de ferro" e "incorruptível" Nogert Wiest se desmanchou ao se esconder atrás das saias de sua mulher Ester, para se livrar da acusação de irregularidades durante sua gestão na Celesc. Quinta-feira passada, depois de muitas desculpas, ele se apresentou para prestar depoimento na CPI da Assembleia Legislativa que investiga denúncias de irregularidades e corrupção na empresa. Mas não conseguiu explicar por que um cheque do Besc, no valor de 8 milhões de cruzeiros foi depositado na conta de sua mulher e disse que até hoje não teve nenhum interesse em saber. Mandou a imprensa procurá-la se quisesse maiores esclarecimentos. Segundo o de-

putado Joaquim Lemos os 8 milhões são a segunda parcela de pagamento da compra de um terreno em Joinville, pela Celesc. O terreno era de Ernesto Madler Júnior, que diz até hoje só ter recebido metade do pagamento. Nogert também não soube dizer onde estão os 8 milhões da conta da esposa e contra-atacou denunciando quebra de sigilo bancário. A Intersindical, que foi quem levantou a irregularidade, avisa: esta tática não convence mais.

Chapa de Patrões desmascarada

O movimento dos patrões para constituir uma chapa para o Sindicato da Indústria do Vestuário e do Calçado de Criciúma e Região não está dando certo. Eles escolheram para presidente e tesoureiro da CHAPA 2 - A CHAPA DOS PATRÕES - trabalhadores conhecidos por trocarem de turno, durante as greves, trabalhando à noite para trair o movi-

mento. Por isto foram desmascarados pela atual direção do sindicato - conhecido nos últimos anos em todo Estado pela sua combatividade. Para contrapô-los existe a CHAPA 1 - DOS TRABALHADORES -, que vai continuar avançando na luta com apoio de toda categoria.

Não deixe de votar dia 30 para a Celos

Dia 30 de setembro é dia de eleição para a Celos. Não perca sua vez e participe você também para o desenvolvimento da instituição que tem como uma das finalidades apoiar os aposentados da empresa. A Intersindical recomenda seus candidatos: João Paulo de Souza, Aramis Luiz de Novais e José Nascimento.

Violência contra a mulher vai a debate

As mulheres brasileiras pobres estão sendo esterilizadas indiscriminadamente. Entre 1970 e 1980 a fecundidade no Brasil caiu 25% e de 1980

Rita de Cássia, presidente do Sinte(Sindicato dos Trabalhadores na Educação), acredita que a falta de uma política salarial é para desgastar os trabalhadores. "Nosso movimento no Estado é forte. O governo tem condições e vai melhorar sua proposta. Teremos um desfecho positivo logo. Mas a falta de uma política salarial faz com que a gente esteja sempre organizando lutas. Daqui há cinco meses teremos que nos mobilizar de novo pois a inflação comeu nosso salário. Assim nossa perspectiva é estar sempre lutando".

Para quem não vê semelhanças no movimento do funcionalismo estadual com os trabalhadores do resto do país, a líder sindical alerta: "Kleinubing é igual a Collor. O projeto dos dois é neo-liberal, privatizador. Assim lutamos contra as mesmas coisas, entre elas, para que a sociedade tenha um serviço público que seja de qualidade".

Errata

No Tribuna Livre da última semana houve um erro. Onde se lia DPCO leia-se DPCP(CEFA), e quem assina o texto é Cleomir Gomes do Amaral.

Oposição

De 22 a 25 de outubro vai haver eleição no Sindicato dos Trabalhadores da Construção e Moveleiro de São Bento do Sul. A Chapa 2, Luta Operária, oposição da CUT, vai disputar as eleições na briga por um sindicato autêntico, combativo e atuante, presente nas portas de fábricas e locais de trabalho.

TRIBUNA Livre

4º Concut: o palco de uma tragédia

Luiz Cézare Vieira
Empregado da Celesc

O 4º Concut realizado este mês em São Paulo foi palco de uma verdadeira tragédia para o movimento dos trabalhadores brasileiros. Os fatos, relatados no Linha Viva nº 149 e que implicaram no justo afastamento voluntário do companheiro Delman Ferreira da secretaria geral da CUT/SC, podem ser sintetizados da seguinte maneira: com o objetivo de manter os principais cargos na diretoria executiva da CUT, alguns membros da tendência majoritária, Articulação, com a anuência de outros tantos, não hesitaram em lançar mão de expedientes oportunistas e manobras ardilosas, desrespeitando explicitamente as normas mais elementares de convivência democrática.

Mais que um jogo ou uma manipulação, fruto da má consciência política, algo que "logo as pessoas esquecem", os fatos que vieram à tona no 4º Concut detonam uma profunda crise de valores ético/morais à acometer uma parcela significativa de protagonistas do movimento de esquerda.

Trata-se de um caso típico de manifestação da razão instrumental, onde a eventual insanidade dos meios torna-se desprezível ante a manobra dos fins. Atitudes com esta comprometem todo um projeto de sociedade, uma concepção de mundo, de convivência fraterna e respeito mútuo, pois os meios nunca estão deslocados dos fins. A história, afinal, não foi suficientemente didática a esse respeito? Quantas atrocidades já não foram cometidas em nome do socialismo?

Mas este episódio representa apenas a triste culminância de um processo de degenerescência, um redemoinho que envolve a CUT nas fronteiras do sectarismo. A maior evidência disso é a identificação prévia dos delegados do Congresso por tendências, tornando possível quantificar o resultado dos "debates", transformando num verdadeiro jogo de cartas marcadas. O pensamento é, assim, aprisionado no julgamento fatalista dos números, ao invés de interagir livremente na consciência de indivíduos autônomos, empenhados no processo coletivo de apreensão e atuação na realidade.

Torna-se necessário questionar a validade da atual organização em tendências, transformadas que foram em feudos de verdades estanques, totalmente em dissonância com o mundo da vida, que decretou a falência de qualquer verdade imanente a se atualizar na e pela história.

Após a perplexidade, estranheza e angústia diante do retrocesso do 4º Concut, resta aos cutistas a deflagração de um amplo debate e auto-crítica sobre os rumos de um movimento ameaçado de ser extemporâneo de um mundo que não cessa de mudar. Além de resgatar a cidadania e a dignidade do trabalhador brasileiro vítima de dupla concentração de renda, mundial e nacional, a CUT deve capacitar-se como mais um sujeito autônomo à influenciar os projetos globais da sociedade. Isto não será possível sem uma profunda mudança de paradigmas no seu interior.

Sem o cultivo de princípios valorativos comuns e universais como a democracia radical, a fraternidade, a pluralidade, a observância das normas estabelecidas, sem despojar a razão instrumental sobre a égide da qual um determinado grupo arvora-se na condição iluminada de apreensão da verdade e da condução total dos desígnios da Central.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Linha Viva na era da informática

A partir deste número o Linha Viva está entrando em uma nova fase. A informatização quase total chegou ao nosso semanário. Agora o LV é praticamente todo feito dentro do Sinergia, saindo com a sua arte final prontinha para ser fotolitado e impresso nas oficinas do jornal O Estado.

Tudo isto graças a estruturação de uma estação de editoração eletrônica no Sinergia, com computadores, impressora laser e utilização dos melhores softwares de editoração. O equipamento está instalado há alguns meses, mas esteve em fase de adaptação e testes. Alguns boletins e informativos já foram totalmente processados na estação e agora, com a equipe de profissionais devidamente treinada e o equipamento rendendo quase tudo o que pode, chegou a vez do Linha



Sinergia tem moderna estação gráfica

Viva chegar na era da informática.

As vantagens de trabalhar praticamente todo o processo de feitura do jornal dentro do sindicato vão desde a redução substancial dos custos até um controle de qualidade superior. Em breve o próprio tempo de "fechamento" do jornal deve ser reduzido, possibilitando que uma edição concluída na noite de quarta-feira, por exemplo, chegue à mão dos leitores na manhã seguinte, ao contrário do que ocorre hoje, quando se perde 24 horas na gráfica.

O diretor de imprensa do Sinergia, Glauco Marques, acredita que é mais uma conquista da categoria. "Temos claro que precisamos de muito profissionalismo e equipamentos de primeira geração para nos contrapor-mos às classes dominantes. Seria muito romantismo pensar em se fazer um sindicalismo atuante, no final do século XX, com mimeógrafo. Estamos apenas cumprindo uma etapa na nossa estruturação e não deixaremos de investir muito mais para modernizar ao máximo as atividades do sindicato", explica Glauco.

Sinergia faz 30 anos amanhã

Neste dia 27 o Sinergia estará fazendo 30 anos de fundação. Nada melhor do que esta data para a inauguração da nova sede da entidade, que recentemente teve sua reforma concluída, colocando a disposição da categoria instalações compatíveis com o tamanho da representatividade do sindicato.

A festa será às 19 horas, na sede do Sinergia (Lacerda Coutinho, 149), e estão sendo convidados todos os associados, além de várias personalidades que têm contribuído com a entidade.

As festividades dos 30 anos estão sendo feitas sob o slogan "Sindicato Cidadão", que representa uma tomada de posição da entidade com relação à própria maneira de fazer sindicalismo. "Estamos buscando uma amplitude maior para nosso trabalho, percebendo que as pessoas que trabalham, antes de serem simples trabalhadores são, especialmente, cidadãos com demandas não atendidas em várias dimensões de sua vida", explica Dinovaldo Gilioli, diretor de cultura do Sinergia e coordenador das festividades. O Sinergia faz aniversário contando com um quadro de 4.156 associados na Celesc e Eletrosul e é considerado uma das entidades de maior representatividade na vida política de Santa Catarina. Estruturado com assessorias especializadas em várias áreas (jurídica, econômica, imprensa, etc.), está sempre buscando equipar-se e modernizar-se para conseguir, com eficiência, dar conta das tarefas cada vez maiores que o movimento sindical exige.

A proposta da comemoração é aproveitar a passagem do aniversário para aproximar ainda mais os eletricitários de sua entidade.

Sobre certezas e hipocrisias

Celso Vicenzi

Pres. do Sindicato dos Jornalistas de SC

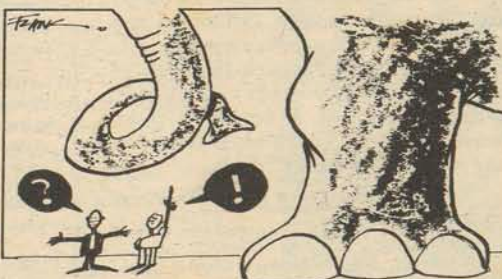
Certezas, melhor não cultivá-las. Algumas, porém, crescem e saltam aos olhos. Hipocrisias, urgente evitá-las. A imprensa constata a crise e, em uníssono (às vezes dá sono), afirma que ninguém tem projeto para sair dela. O slogan é: sim, crise, mas qual a saída?

Imagine a seguinte cena, desenhada pelo cartunista Plantu, um especialista em flagelos da desordem internacional. Numa mesa, um faminto sentado num banquinho com o esqueleto de um pequeno peixe e, na outra ponta, um gordo senhor a servir-se de um banquete, sentado sobre um cofre e pacotes de dinheiro. Diz o pobre: "É preciso arranjar uma solução". Responde o rico: "Pois é, meu Deus. Mas qual?"

Qualquer semelhança com o que você vê, ouve ou lê não é mera coincidência. Jornalistas, doutores, sabedores, nobres senhores, todos se revezamos locutores na explicação da crise. Há aqueles que, sentados sobre grandes fortunas só

vêm uma saída: aumentar a produção. Esse é o caminho para o 1º Mundo. Não explicam, contudo, como chegar ao 1º mundo com salários de 4º e educação de 5ª (categoria). Não é só a produção que precisa ser de 1º Mundo, também o salário, a educação, a saúde e o cidadão. Importante: quando este país for, finalmente, para o primeiro mundo, não esquecer de levar o povo.

A Imprensa denuncia algumas mazelas mas não informa, suficientemente como se "fabrica" a injustiça social. A mídia virou discurso, metáfora e eufemismo. E repetição: crise, sim. Mas qual a saída? O excelentíssimo deputado e o meritíssimo juiz sabem que a desigualdade pode



estejam legislando sem beneficiar os empresários e uma pequena elite, levante o braço.

O pacto, portanto, tem que ser um pacto entre a elite, para decidir como começar a distribuir a renda que acumulou em décadas de exploração dos trabalhadores e dos recursos naturais do país. Para quem ainda tem dúvida, vamos pôr a mesa. De um lado, um país que cresceu muito,

ser produzida com leis que o Estado, m o r m e n t e (morbidamente?) neste país, tem repassado a renda pública para privada. A maior bancada do Congresso Nacional é de empresários - 201 dos 503. Dos congressistas restantes, a maioria foi eleita com apoio empresarial. Quem acredita que eles

destacando-se entre os 10 maiores PIB do mundo e que têm 1,4% da população ganhando mais de 10 salários mínimos. De outro lado da toalha, mais da metade dos domicílios brasileiros não tem luz elétrica, mais de 71% não possuem canalização interna de água, mais de 85% não têm esgoto adequado, 65% não possuem filtro e mais de 79% não têm geladeira.

A elite, que se apressa em fazer críticas ao governo é a mesma que governa desde que Cabral achou aqui o porto seguro. Este tipo de ilusão funciona com ignorantes. num país tal e qual, não faltará audiência. Verdade que nem o povo, passivo, merece ficar isento de responsabilidade, embora a ignorância seja um bom álibi. Quicá uma explicação.

E no entanto, que ótimo lugar para se construir um país. Por isso, senhoras e senhores, façam o que fizerem, digam o que disserem, mas poupem-nos, do alto de suas fortunas, omissões e conivências, deste repetitivo e ilusório discurso via EMBRATEL para milhões de famintos: "queremos sair desta crise, mas como?"